

**o cemitério das pragas
românticas
(Manoel Messias)**

INTRODUÇÃO

Um cemitério, um enterro, uma garota e várias pragas em estilo de promessas românticas. No fim, um sonho, uma saudade, um desejo e um descuido. Tanto para você quanto para mim tudo é muito novo, nada do que está escrito eu tinha conhecimento, as partes desse todo foram sendo agregadas aos poucos com muito cuidado das ideias. O livro conta a história de um viajante, eu o escritor, que se deixa levar pela beleza sombria ou é chamado por alguém para investigar um caso bizarro num cemitério esquisito. Na ocasião das buscas, uma moça é a sua principal resposta e tudo será respondido, menos o amor construído que surge no coração do investigador. Por meio das promessas feitas pela estranha e bela garota os amantes começam a morrer cada um por não a verem cumprir essas promessas de amor, e essas promessas viram pragas, mas ainda assim num estilo romântico. A ideia do enredo é apresentar ao leitor o desejo de ser romântico de verdade e assumir suas promessas como prova de fidelidade

Capítulo 1 O CEMITÉRIO

Estive naquele lugar sombrio onde a penumbra do obscuro escorria sobre as covas rasas e semiabertas do esquisito cemitério. Os jarros de flores secas eram a única beleza daquele cemitério e as várias cores das diversas sepulturas se misturavam a uma única cor cinzenta e apagada na tonalidade do verde das abundantes árvores. O mato cobria as covas e se espalhava por tantas cruzes. O cenário era caricaturado como estranho e curioso. Bem curioso, porém um bom lugar para descansar. O lugar não habitava nem mesmo o coveiro, de animais apenas os covos e morcegos. O portão quebrado e enferrujado avisava uma solidão, mas as cruzes nas covas chamavam a atenção dos mais corajosos como a mim. E eu sou o maior curioso dessa bela visão. Os escritos nas tábuas das covas pareciam apontar para algumas promessas que nunca foram cumpridas, digo isso sem tanta convicção. Não sei bem se não foram cumpridas. A letra morta dizia: “Aqui jaz aqueles que acreditaram nas pragas do amor e acorrentados às mentiras da juventude”.

Algo de muito diferente sombreava o canteiro seco do cemitério. As suas covas eram rasas e cada uma delas habitavam ossos de casais de jovens, para ser preciso, um casal por cova. Minha dedução a partir de covas semiabertas. Dei-me que aquele local foi preparado apenas para jovens que supostamente acreditaram e se entregaram ao amor, assim foi o que eu li em uma das colunas que sustentavam uma imagem de Santo Antônio. “Este cemitério foi preparado para abrigar todos os jovens que vivem de promessas amorosas, acreditam no romantismo da paixão se alimentando de palavras românticas (coluna de Santo Antônio)”. Talvez eu estivesse feito uma boa dedução da cena, mas sou de observar muito os detalhes e aqui neste cemitério são vários os detalhes. Não estou ligando ainda os fatos, mas sinto um mistério interessante de se descobrir, afinal não quero estar abrigado também neste lugar. Muito convidativo este campo de ossos e da riqueza dos detalhes visto por aqui. Irei conversar com os mortos e se eles não conversarem comigo arrancarei de suas moradas o motivo dessa história, como que uma ressurreição.

Minha companhia era um pequeno caderno e um lápis, uma garrafa de chá de capim santo e uma coberta escura. Era por volta das 23h quando adentrei naquele solo como mais firmeza, o silêncio me deixava até escutar as folhas que caiam sobre as covas. Bem alinhadas eram as cruces como de enfeite, a precisão de cada árvore localizada sobre os túmulos me instigava à curiosidade. Este cemitério está localizado a setenta léguas da pequena cidade de Mystic Falls, conhecida por sua beleza romântica e de grandes lendas voltadas para incentivação de casais cada vez mais jovens. O cemitério realmente não era igual aos demais, ele tinha um plano de fundo aterrorizado, mas se mostrava um lugar que habitava apenas casais apaixonados. Digo isso porque nunca vi tantas covas de homens e mulheres. Confesso que não estou me encontrando nessa investigação. Nada faz sentido. Primeiro eu viajei sete dias do Brasil até aqui para festejar o casamento de dois amigos da família, e na estrada meu carro quebra bem em frente deste cemitério e agora quero explorar este lugar como se fosse um trabalho cotidiano meu.

CAPITULO 2 O ENTERRO DO DIA ANTERIOR

Havia ali uma cova com areia vermelha, esse tipo de areia ficava no interior do chão e essa cor vermelha de areia mudava depois do segundo dia quando exposta ao sol e a brisa molhada. Deduzi que se tratava de uma cova recente, precisamente de uma cova do dia anterior a minha presença nesse dia. O que me fazia lembrar o enterro que aconteceu no dia anterior, em Mystic Falls, e foi justamente naquela cova que iniciei minhas anotações investigativas. Duas rosas entrecruzadas marcavam o território da cova e uma carta. As pétalas caíam a cada dez segundos pela força do vento que pairava. Fui me dirigindo ao letreiro dessa cova, lá em grego estava escrito: Somos aquilo que vocês serão e vivíamos aquilo que vocês vivem. Mas abaixo tinha um escrito dedicado ao falecido e outro a falecida. Seus nomes: Verônica Khatere Cullen e Savatory Damon. “Verônica sentiremos a sua falta, nossos dias não serão os mesmos sem você, Deus te acolha, pelo que você acreditou viver aqui na terra em nome do Amor”.

“Savatory seu amor por Verônica foi intenso, mas agora saberemos que de fato ele se intensificará, esteja na sombra de Deus” Sentirei sua falta. Ambas as dedicações possuem forças expressivas e foram feitas por um amigo de nome Da Vinci. O único amigo presente no enterro, o único responsável na história do romance entre Verônica e Savatory, segundo uma carta achada perto às duas rosas. Para dificultar, o único a ser citado também na cova do lado que acabei de observar. Existia uma terceira cova, era a de Da Vinci. Parece que na cidade ninguém conhecia essas três pessoas e pouco falavam daquele cemitério. Minha investigação não tem sentido, está sem rota, mal conhecia essas pessoas. Frente às duas tumbas tomava tempo a refletir o que era tão improvável. Pensei em ir embora e esquecer tudo aquilo, não me importava saber demais, mas mudei de ideia e continuei. A chave talvez estivesse no enterro do dia anterior, pois não descobri de que morte morreram os três jovens. Se o Da Vinci era a única pessoa no enterro, teria outra pessoa para enterra-lo? Pois segundo consta, ele está aqui enterrado.

Então parti em busca de mais pistas desse enterro. O letreiro poderia estar escrito de forma errada. Comecei a ler e reler aquele escrito da cova do casal, e percebi que o verbo sentir estava conjugado de formas diferentes. Para verônica o verbo sentir está na terceira pessoa do plural, sentiremos envolvendo mais de uma pessoa, já o escrito referente a Savatory o verbo sentir está na primeira pessoa; que aponta tanto o seu amigo que falou ou talvez a própria verônica como qualquer outra pessoa. A verônica não mencionaria a si mesma ou teria outro para menciona-la, mas quem? Da Vinci? Savatory impossível. Desenterra-los poderia ser a minha opção, mesmo em risco foi o que acabei fazendo. Na cova de Da Vinci tudo certo, seu corpo sem marcas de qualquer sinal que pudesse dizer a forma de sua morte, mas o seu corpo não estava frio. Era uma sensação térmica como se aquele corpo não estivesse a tanto tempo enterrado. Não vou negar que fiquei assustado ao sentir essa sensação, nunca vi uma coisa assim.

Em seguida, fui à cova do casal Verônica e Savatory, e não precisei de força para desenterrar. Deparei-me com o inusitado. Olhando para os quatro palmos de buraco aberto enxerguei apenas um corpo e era o corpo de um homem, logo, o corpo de Verônica não se encontrava como dizia os escritos. Com toda essa descoberta para mim um pouco paranoica me restava apenas uma coisa a fazer; simular o enterro e foi o que fiz, eu fui até o portão quebrado e olhava para o chão, mas nada me vinha por pista, dedução ou qualquer coisa indicativa, nem sequer uma pegada de pé. No chão nada eu via, mas tornei a olhar detalhadamente para o portão velho e enferrujado. Poderia alguém ter pulado o portão e caído mesmo em cima das gramas que se tinha aos arredores do mudo do cemitério, pois uma grama molhada, mesmo pisando não deixa marcas de pisadas, e esta grama estava justamente molhada pela brisa que se fazia no local. Mesmo assim nada estava solucionado com a minha simulação. Enterro estranho! Retomei o meu olhar para o portão, parecia que teria resposta naquele velho portão, mas foi nele que encontrei a resposta.

Sendo de ferrugem percebi macas de pegadas de mãos na grade, poderia ser recente e de uma ou mais de uma pessoa. Próximo passo seria procurar por onde as possíveis mãos sujas teriam tocado e marcado com a mesma ferrugem. No cemitério havia uma pequena casa, antes por mim não vista, deveria ser para velar os defuntos ou coisa parecida e foi para lá que me encaminhei. Por sorte a luz da lua clareou a parede branca da casa e percebi umas marcas de mãos na parede e parecia que era ferrugem. Logo imaginei que encontraria a Verônica, que não estava no túmulo, ou qualquer pessoa, mas alguém eu iria encontrar. Abrindo a porta da casinha deparei-me com uma moça bastante assustada.

CAPITULO 3 A BELA MOÇA CHAMADA VERÔNICA

Meio corpo sujo de terra, cabelos assanhados, olhos arregalados e pernas trêmulas com uma expressão enigmática era a imagem que de me assolava a expressão daquela garota. Você é Verônica? -Sim -Não irei te machucar, venha, por favor. Sentamo-nos junto às covas de Savatory e Da Vinci. Antes de tudo lavei os seus pés e as suas mãos, lhe servi o meu chá e lhe cobri com o meu cobertor, parecia fria. Dando-lhe um abraço fui acalmando sua tremura. A beleza dessa moça era inconfundível, capaz de ressuscitar os mortos desse cemitério. Verônica possuía uma personalidade visual fortíssima, de cabelos cacheados e ruivos, belos olhos pretos e nariz afilado de boca pequena, 1,70 de altura, bem feita de corpo e sua voz era grave. Parecia meiga e gentil, deveria ter vários pretendentes, mas ainda me faltava uma boa explicação do seu aparecimento. De onde você é? Como chegou aqui? E por seu nome está escrito naquela tumba acolá?

-Calma, não se afobe, vou te explicar (...) obrigado pelo chá e a cobertura. Sou de Mystic Falls, uma cidade aqui do lado, e meu nome realmente é Verônica. Tomando o fôlego e bebendo um pouco de chá, lentamente subiu a cobertura aos seus ombros, com uma cara de desconfiada e continuou a conversa. -Estou triste por enterrar meu namorado Savatory. Eu não o amava, mas ele sim dava a vida por mim. Não pude evitar a sua morte. -Não pense que o matei. Ele sofria do coração, sofria de amor. Savatory e eu tínhamos planos baseado nas minhas promessas românticas. Estávamos apaixonados, mas meu erro foi não ser verdadeira com ele, eu não o amava. Meu dever era enterra-lo. Em Mystic Falls me acusavam de assassinar todos os jovens que se apaixonavam por mim, por promessa que eu mesma fazia, mas quem não as faz. Eu tinha o que eles chamavam de pragas românticas. Por isso meu nome na cova, eu queria sumir da cidade, não queria enterrar mais ninguém, este é o sexto, então encenei minha própria morte.

Aos poucos eu começo a entender o enredo da conversa, mas ainda estava obscuro, pois era um voto de confiança que eu estava dando a conversa dela. Sobre Da Vinci foi a minha próxima pergunta, único amigo do casal segundo uma carta e porque parecia que Da Vinci tinha morrido recentemente? Verônica de que forma você trouxe Savatory? E Da Vinci, qual a relação dele na história, por que ele está morto? Então, Da Vinci era um rapaz muito bom, ele estava apaixonado por mim. Algumas vezes ficamos. Eu gostava dele, achava que podia me apaixonar por ele, mas não me apaixonei. Em meio às promessas românticas ele era dependente do mim. Da Vinci ajudou-me no enterro de Savatory. Só estávamos os três no enterro, pois Savatory era órfão. Verônica continuou a conversa para explicar a morte de Da Vinci. Pelo que eu entendi depois do enterro nada parecia bem entre Verônica e Da Vinci, a paixão obsessiva de Da Vinci fez com que ele reprimisse acusações sobre Verônica, por conta do ciúme tanto dela com Savatory como com outros rapazes e no enterro tudo veio à tona e ele começa a agredir verbalmente Verônica.

Foi quando verônica lhe disse que na verdade nunca o quis e que suas promessas nunca foram verdadeiras. Sem saber para onde ir ou mesmo o que fazer, o jovem Da Vinci teve um ataque fulminante e morreu aos pés de Verônica. Tanto Savatory quanto Da Vinci morreram acreditando nas promessas de Verônica que para eles poderiam ser realizadas, mas para ela viraram pragas. No meio da conversa pude observar os traços daquela garota e tentar decifrar o que nela atraía tanto além da sua beleza incomum. No dia seguinte verônica me levou a cidade Mystic Falls para conhecer melhor, já que meu carro quebrou e ela me deu carona. Ela queria voltar à cidade para solucionar o caso do por que ser tão desejada.

CAPITULO 4 MYSTIC FALLS

Uma cidade pouco habitada, de estilo antigo, silenciosa para os estranhos, calma para os moradores e cheia de mistério e pessoas esquisitas. Lugar de muitas lendas. Lendas de lobisomem, vampiros e bruxas. Nesta cidade mora alguns feiticeiros, mas no fundo são pessoas normais assustados por lendas e histórias recriadas. Chegamos à casa de Verônica. A região era mais fria que no cemitério, em plena 5h da manhã, sem nenhuma cabeça a vista, nada se movia na cidade, nem parecia uma cidade habitada. A primeira vista na cidade percebi a quantidade de rosas que ali se encontrava, eram as rosas idênticas as do cemitério. Uma leve brisa penetrava nos meus ossos, como uma furada. Na casa da moça misteriosa nada tinha de anormal, além de milhares de cartas espalhadas pelo chão, cartas de várias pessoas direcionadas a uma só, Verônica. Perguntei a ela:

Você fez promessas a todas essas pessoas que te mandaram cartas? Sim. Por quê? Você sempre faz promessas românticas? Não, sempre não, sobretudo agora. Apresenta-me sua cidade? Tudo bem vamos. Passeamos pela cidade silenciosa. No fim de uma rua havia uma pequena ponte, Verônica falou que naquela ponte a cidade se formou. A ponte era no formato de um arco-íris e até das mesmas cores, dizia ela que era uma ponte mágica, assim como a cidade era toda misteriosa. Não se foi por que ela me falou essas coisas que eu estava começando a me sentir em casa. Sentei-me do lado do lago e comecei a observá-la olhando para o horizonte abraçado com um posto. Uma cena agradável de ver, afinal Verônica sabia encantar um homem. Depois fomos a um bosque escondido por trás da igreja e lá me deparei com mais rosas, o mais impressionante era as pétalas caindo a cada dez segundos e de forma sincronizada.

Um cenário bonito de ser ver e não muito real. Na volta para a casa de Verônica, alguns moradores estavam nas calçadas nos observando. Ela pediu que eu não falasse nada e achava melhor voltarmos ao cemitério. Então voltamos. Ir à casa de Verônica não me fez acreditar mais nela, só me confundiu mais ainda. Estou aprofundado na dúvida e nada me faz crer que ela não está dizendo a verdade.

CAPITULO 5 AS DUAS ROSAS

Já no cemitério novamente observava as rosas secas que já não tinham mais pétalas mais mesmo assim me encantava o evento lembrado no bosque de onde acabei de chegar. Verônica me levou a outra cova, essa era de um amigo casal dela e mostrou-me que na tábua da cruz os nomes escritos e as dedicações feitas, mas afirmou ter apenas um corpo naquela cova. O corpo era de mais um namorado que ela teve e o nome feminino ali denominado de Holanda era falso, apenas o nome Adan era verdadeiro. As rosas marcavam o romance que Verônica teve, e não o enfeite de arranjo para o defunto. Duas rosas para ela simbolizava as promessas românticas que ela fazia e não cumpria. Não sei por qual motivo, mas ela criou esse modelo. -Aqui repousa os restos mortais de uma pessoa muito querida, esse era meu amigo, pelo menos eu o considerava assim. O erro dele foi se apaixonar por mim. Ele gostava muito de rosas e sempre tinham duas em suas mãos, uma para mim e a outra dele.

Ele acreditou demais nas minhas palavras, porém não pude evitar, fiz promessas de vivermos para sempre amigos e com isso casaremos, mas ele não era paciente e não esperava por nada. Certo dia ele pegou uma arma para brincar de me assustar, colocou a arma em sua cabeça dizendo: -Casa agora comigo ou eu me mato. Certa que era uma brincadeira de mau gosto, eu disse que não, então foi ao som dos meus ouvidos um tiro de verdade e ele morreu na hora. Que cena horrível essa garota presenciou, parece que ela carrega na sua beleza uma praga, ou melhor, parece ser mesmo as suas promessas uma praga. Quantos meninos essa garota já matou? Pode não ser ela a principal culpada, pois acreditar também requer da outra parte uma participação. As promessas que Verônica fazia já tinha um peso de pragas românticas. Fiquei contemplando frente à cova de Adams e tentando imaginar o sofrimento que ele passou na espera para dizer que amava Verônica, no mínimo ele estava sendo alimentado pelas promessas dela.

Mas apenas duas rosas que não falam eram as testemunhas dessas promessas. O que tanto prometia Verônica? Na verdade ela não passava muita confiança nas palavras. Pensei até em dizer que era melhor ela estivesse no túmulo que tem o nome dela, só assim a cidade descansava, mas fiquei calado. Ela me olhava com afeição triste e mãos cruzadas. Mas eu queria explorar mais o cemitério que denominei de o cemitério das pragas românticas.

CAPITULO 6 AS PROMESSAS DE VERÔNICA

Com apenas 22 anos de idade e já levava nas costas um histórico de grande estranheza, preenchido de mortes, promessas e um destino traçado nas pragas que ela mesma construía. Ela era experiente na arte de enganar, dava para perceber nas suas palavras. Pela conta de mortos, foram seis. O que tanto essa menina prometia? Não sei, mas sei que suas promessas não eram cumpridas. Todo relacionamento é alicerçado em alguma promessa, quer seja de respeito, quer seja de palavras, mas tem que haver promessas. Lembro-me de um casal que viviam prometendo mudanças, mas nunca conseguiam mudar, eles terminavam suas brigas por meio de promessas. Eles não paravam de prometer e nada cumpriam, mas continuavam as promessas, isso já era rotina. Lembro-me também dos meus amigos que vão casar no dia seguinte da quarta, lugar para onde eu estava indo e tive que parar aqui. Esse casal já viveu de muitas promessas e a melhor delas será o casamento. Porém no referente a Verônica promessas são pragas, tudo que ela promete termina em morte,

não por cumpri-las, mas justamente por prometer sem intenção, isso foi o que ela me falou. Acho que a causa vai muito além dessas questões. De repente me encontro numa atuação filosófica sobre causa e consequência, mistério metafísico, promessas e seis mortos. O que tudo isso me diz, não posso ignorar que a maior resposta está bem a minha frente, parece até que também quer me enfeitar, me olha de um jeito estranho, convidativo por hora. Pelos lábios da menina mais bonita que já conheci nada era mais confiável de tudo que ela falava. Ela se aproveitava do romantismo e das literaturas românticas para enfeitar as suas palavras e alienar seus pretendentes, confundia os corações e suas mentes até a última entrega, na verdade as pragas de suas palavras românticas só tinham limites na morte. O cemitério parecia o melhor lugar para suportar tantas promessas. Mas havia todo um motivo para prometer e foi desse questionamento que lhe perguntei. Por que você prometia tanto? -Eu apenas queria viver um amor como qualquer pessoa. -Mas objetivo serei. Das seis pessoas que morreram por seu amor, você amava algum?

Sim, meu primeiro, Conrrado Elizier. Ele foi o único amor da minha vida, na verdade ainda é. Ta vendo aquela cruz mais inclinada? -Sim É lá que ele agora está, morreu de desgosto por que mudei, ele disse que eu mudei, mas acho que não. Minhas promessas com ele foram reais. Mas não sabia o que estava acontecendo comigo. Minha vida é um destroço. (ufa!!!), não queria que isso acontecesse. Aqui neste lugar me sinto bem, estão aqui às pessoas que me relacionei, não tem remorso por minhas promessas ou pragas, e já me habituei neste local, para mim, aqui é um santuário. De fato de romântico naquele cemitério não tinha muita coisa não, além de rosas secas nas covas. E essa história é tão nova para mim quanto para o leitor, se o leitor não está entendendo eu também não. Cada vez que escrevo mais confuso eu fico, meu carro quebrou no lugar errado. Meu caderninho já não tem folhas limpas, daqui para frente é memorizar todas as palavras dessa garota. Complicado é saber que tudo isso foi por causa de promessas românticas. Para mim, isso é praga. Mas vamos até o fim.

CAPITULO 7 UM HISTÓRICO DRAMÁTICO

Verônica, nascida em Mystic Falls foi rejeitada pelos pais ainda prematura quando sua tia avó a criou. Uma curandeira conhecida na cidade. Uma senhora de cabelos brancos e grandes olhos muito respeitada. Nas mãos dessa enigmática mulher, sofria muito, era privada de qualquer brincadeira infantil e aprendeu logo cedo a ser mulher. A neta era a única coisa sem valor para aquela senhora, nada lhe mostrava virtude nos olhos pretos da garota de cabelos ruivos e cacheados. Aos 12 anos de idade Verônica perde sua única parenta, tem que se acostumar a viver sozinha e cuidar de si e da casa, uma casa que não enchia os olhos de nenhum vizinho por ter sido de que foi. Não frequentou escola por que não havia nenhum adulto que a matriculasse, nem mesmo sabia ler, mas aprendera há com o tempo nas figuras que sua tia usava em casa. Nunca comeu um doce de criança, nem experimentou na vida o que são brincadeiras.

Nunca teve natal, ação de graças, nem mesmo festas das bruxas, típica da cidade. Seu destino parecia cruzado com sofrimentos e destrezas. Quando já crescida passou a se arrumar pela observação de vizinhas, naquela casa tudo que ela queria encontrava. O próprio tempo cuidou de molda-la, enfeita-la, lhe dando um dom, uma beleza impecável já vista antes em Mystic Falls. Os rapazes começaram a corteja-la. Ela pouco falava, mas não se mostrava em nada vulnerável. Uma moça almejada por todos, causando inveja na cidade inteira entre as moças mais instruídas. Por ocasião de uma doença que assolou a região, uma peste, metade da cidade foi devastada, mas ela escapou ilesa, mesmo na precariedade das condições, Verônica cada vez mais ficava bonita. Verônica percebeu que podia se fazer por meio de sua beleza e escolhia qualquer um que lhe fosse interessante. Sem muita experiência, ela iniciava seus romances, prometia muita coisa, mexia com os corações de qualquer rapaz. O limite era desconhecido de tantas promessas, de tantos relacionamentos.

Todos do seu meio lhe confiavam segredos, mistérios, histórias e sentimentos, ela apenas fazia promessas e não cumpria. O drama de sua vida não tinha descansado, as pessoas que amava Verônica estavam surtando sua paixão, os seus pretendentes estavam morrendo um por um, devido às tantas promessas feitas por ela. O cemitério virou local exótico para habitar mortos por causa da paixão. Isso era bizarro, será que o leitor entendeu?

Verônica era má por prometer tanto? Ela prometia seu coração para os rapazes e não se importava o que poderia ocorrer com aqueles que não viam outra saída sem suas promessas românticas por perto. A garota podia fazer essas promessas, sempre encontrava rapazes apaixonados por ela. Talvez Verônica quisesse toda a atenção que ela nunca teve e por medo prometia seu amor, para ninguém se afastasse dela. Se ela fosse a minha namorada eu a orientava nessa questão, maturidade e controle.

CAPITULO 8 O DESAPARECIMENTO DE VERÔNICA

Ainda no cemitério junto a Verônica, pedi um tempo e fui olhar o meu carro quebrado, na volta não mais encontrei a menina estranha. Do nada ela some me fazendo procura-la. Olhei em todos os lugares e nada. Verônica desapareceu. A minha investigação sobre o cemitério das pragas românticas ficou pela metade. Onde poderia estar àquela garota que já me cansava os ouvidos, mas que não me importava se continuasse para sempre. Uma voz bela de se ouvir. A ausência de Verônica me deixou saudades, não dela, mas de tudo que ela falava e me envolvia mais e mais. Pelas 23h, mesma hora de ontem, de novo eu me achava perdido, e agora sem companhia, sem solução e cheio de curiosidades. Sentei-me do lado da cova de Verônica para meditar. Na verdade uma cova falsa, mas pelo menos a questão dessa cova já foi resolvida. A ausência dela me deixou angustiado, com mais perguntas ainda. Será que foi por medo? Pensara que eu podia machuca-la?

Ela me prometeu ajuda no assombroso cemitério e vai embora. Eu escondi dela, mas sua beleza já estava me encantando, queria poder conversar mais um pouquinho. Eu iria convidá-la para o casamento do meu amigo, mas agora tudo foi para o chão. Mesmo sem ela me contive e fui visitar o restante das covas e daquele assombroso cemitério. Em uma das covas algo me chamou a atenção na escrita. Algo bem esquisito de se entender. O escrito era assim: “Eu e ela fomos morar juntos onde ela está e eu não estou”. Explica-me leitor? O que será que houve com esta pessoa aqui em baixo? E ela seria Verônica? Nessas horas eu a desejava por perto. Continuei a caminhar, eu que falava tanto de rosas secas, em umas das covas havia rosas não secas, me impressionei, eu gosto do estranho. Não era nada de incomum, apenas uma rosa que estava arraigada a um galho rastejado pelo chão. Na verdade tudo estava chato naquele lugar. As 3h da madrugada o farol do meu carro liga, em meio ao clarão fui apressadamente ver o que tinha acontecido, era Verônica no meu carro.

O medo junto ao sorriso de alegria se encontrava na mesma expressão facial. Meu rosto clareado pelo o farol e o dela com extensão de espantada por mim. Ao me aproximar mais me disse ela: Se formos agora para pegar a estrada, chegaremos a tempo para o casamento do seu amigo. Nossa!!! Tá, vamos! Mas vá contando por que o desaparecimento. Na estrada ela me falava que foi ajeitar meu carro e acabou pegando no sono, uma boa explicação, mas não fiquei satisfeito, porém me contive de alegria de vê-la de novo. E pegamos estrada.

CAPITULO 9 O CASAMENTO

As 10h da manhã chegamos à pequena cidade de Orlando. Provavelmente meus amigos já nem me esperavam mais. Verônica estava babando no banco de trás, passou para La entregue ao sono. E finalmente chegamos, a igreja toda enfeitada, esperando a noiva e para corria da situação eu era o pai da noiva, na verdade ela não tem pai, mas eles me escolheram para acompanhá-la. Verônica foi se trocar rapidamente nos fundos da Igreja. Manoel me recepcionou muito bem, ficou muito feliz, me deu um soco no braço pelo meu atraso. Lá estava Camila, a noiva mais bonita que já vi. Verônica já estava sentada na assembleia, de vestido amarelo; muito linda por sinal, o contrário de manhã cedo que ela estava toda desarrumada e sem expressão de alegria, não sei como se vestiu tão rápido, mas em fim, a noiva. A noiva estava muito linda veio a minha direção e pegou no meu braço com um belo sorriso e uma piscada de olhar, essa piscada dizia que mais tarde eu levaria outro soco.

A igreja estava cheia de gente, mas só me interessava Verônica e meus amigos aqui. O cerimonial começou e terminou tudo muito lindo, depois fomos à festa na casa do casal para festejar. Na ocasião apresentei Verônica, Manoel e Camila gostaram muito dela e aproveitamos a festa até os convidados irem embora. No fim da festa os noivos foram para a sua lua de mel e nós ficamos arrumando a bagunça. Foi bom, pois nos sujamos com resto de bolo e torta. Ela já não era para mim uma estranha. Pela noite fomos conhecer a cidade, pois o combinado era esse, e Manoel me pediu que eu aproveitasse o máximo. Sem demora, Verônica topava tudo, isso me incentivava a conhecer qualquer coisa que eu não conhecia nela. Na volta ficamos conversando até tarde da noite, a primeira noite fora do cemitério, com uma ara mais quente, acomodado, em algo para descansar as pernas, e nada de cova ou cruz. Apesar de estar cheio de dúvidas, eu preferi não incomodar Verônica.

Decidimos tomar um chá, para minha alegria e gosto, ela também adora chá, por uma noite deixei de pensar que ela fosse estranha, assassina, lunática ou qualquer coisa, menos normal. Aquela garota me impressionava e cada vez que ela me tocava nos cabelos, juro que pensava em beijá-la, mas não sabia começar. Na mesa do sótão ficamos olhando uma para o outro com meia boca ocupada das xícaras quentes. Quando nada parecia ter sentido, tudo começa a se servir de um jeito novo de ver toda aquela situação. Meu fôlego fugia de mim, foi então nada impedindo no beijamos. Era errado? Não sei, só senti sua boca na minha, um gosto especial de se repetir. Ela ria para mim, e pedi que eu não parasse de beijá-la. Era um pedido impossível de não atender. Tínhamos uma noite toda para repetir. Uma noite especial e diferente de todas que já tive ou imaginei ter foi àquela noite com Verônica. No entanto me vi também apaixonado pela garota que estava nos meus braços, pois a que eu conheci parecia deixada onde eu mesmo encontrei-a. Verônica sentia uma boa emoção, assim ela me falava.

A noite foi à única testemunha dos nossos beijos e abraços. No fim terminamos por acordar com Manoel e Camila jogando água em nós. Que bestas, mas isso já era de se esperar. Tomamos café e fomos conhecer em seguida a fazenda do casal. Trocamos as novidades e as conversa, quando a Camila me perguntou. -Essa moça bonita é a sua namorada? O gelo suado na testa me travou e meu ouvido escutar -Sim, somos ele é a pessoa mais especial que já conheci. Na hora olhei para Verônica e confirmei o que ela tinha me dito. Nada me faltava naquele momento. Estava com meus melhores amigos e a moça mais bonita, porém ainda a mais estranha, mas prometi não falar disso ao menos nesta viagem. Fui ter com Manoel uma conversa a sós sobre tudo que eu estava vivendo e ele me aconselhou a não abandonar a minha felicidade, não importasse o que poderia acontecer, e que se eu estava feliz era o mais importante. Suas palavras muito me consolaram. Ficamos mais um dia na casa de Manoel e Camila e tivemos que retornar.

CAPITULO 9 O MEMORIAL

Chegamos ao cemitério às 23h e nada estava igual, não foi só uma viagem, mas o nosso futuro. Será que eu estaria disposto a esquecer de tudo que sei dela e seguir em frente com ela do meu lado? Não sinto muita culpa da parte dela. Fomos novamente ao cemitério, poderíamos ir para a casa dela, mas eu não estava ainda entendendo então estávamos de novo naquele lugar. Passeando pelas covas, Verônica me apontava os escritos nas cruzes e em geral todos explicava o profundo sentir que ela tinha em enganar aqueles que não mereciam. E voltando o olhar para mim, ela pedia desculpas por não ser o que eu queria que fosse, mas nem eu mesmo saberia o que ela era para ser. Ela me prometeu não me abandonar. Enrolando que eu estava com ela, eu só queria estar perto, pois a noite que passamos no Manoel foi fantástica. Fizemos uma promessa, um memorial de todos esses apaixonados mortos neste cemitério de pragas românticas. Pusemos as cruzes uma pós outra na frente, rosas circulando cada cruz.

Compramos velas, bastantes velas, o suficiente para iluminar o cemitério. Trocamos os escritos de cada cruz de forma certa, tirei o nome da cruz de Verônica. O cemitério estava com outra cara, o memorial mostrava uma visão até romântica do cenário iluminado. Daquela noite em diante Verônica não deveria mais me recordar nada do que entristecia sua história. Ela prometeu-me não lembrar, prometeu também amar-me, prometeu voltar comigo ao Brasil, viver outra vida. Seria uma mudança total. Mas aquele memorial seria justamente para por um fim em tudo que a prendesse. Creio que os mortos gostaram do memorial que preparamos, era comum fazer isso em Mystic Falls, e eles não puderam tê-lo, mas o fizemos. Ficou tudo bonito. Este foi o primeiro memorial que fiz. Mas estava feliz por Verônica estar comigo, foi aqui que eu a encontrei, então aqui vejo que meu destino começou.

Verônica a coisa mais misteriosa encontrada neste, agora belo, cemitério. Depois de um esforçado trabalho, Verônica vai descansar, mas antes me agradeceu por tudo que vivemos, queria aproveitar mais, mas que iria descansar, e me prometeu amar e nunca me deixar. Aquela expressão meiga e feliz me abraça o coração. Pedi que descansasse que a gente teria muita coisa a partilhar, mas agora novas conversas. Eu já tinha até planos. Ela me beijou e foi descansar no carro. Eu fiquei limpando a bagunça. Já pela manhã fui retirar a vela do túmulo de Savatory, quando percebi que havia uma cova bem mais funda e não era só uma cova rasa.

CAPITULO 10 ACABOU A CONVERSA COM OS MORTOS

Naquela cova rasa, a mesma cova de Savatory - namorado de Verônica, se encontrava um corpo, deixei Verônica se cobrir da minha vista e comecei a escavar com os meus abraços sem mesmo precisar de uma par. Para minha surpresa encontrei um corpo emborcado de uma garota ruiva, sem imaginar virei e percebi que era a Verônica, bom parecia coma garota que acabou de sair da minha frente. Como?

Impossível? Não entendo? Perguntas vinham na minha cabeça. Minha amada estava morta?

Rapidamente fui ao meu carro e não encontrei nenhuma garota. Então comecei a chorar angustiado e do nado me acordei junto à cova descoberta de Savatory e Verônica como da primeira vez que não havia o corpo dela, mas agora estava. Se fosse um sonho, eu estava cansado, poderia ter me deitado ou caído, mas não, foi um sonho completo, nada teria sido real, daquilo que eu vivi com Verônica? Ainda sonolento não quis acreditar, mas nada fazia sentido.

O real me confundia, a data ainda era a mesma do dia que cheguei naquele cemitério, à noite estava ainda fria, não havia velas de memorial, nem cruzes ajeitadas, ainda fui à casinha e ninguém estava por lá, a garota da cova tinha conversado comigo. Mas que isso, e para minha tristeza a gente tinha prometido romanticamente, eu fui dormir com ela, eu ainda sinto o perfume e o gosto da boca. Não tem lógica, fomos ao casamento do meu amigo. Imediatamente liguei para Manoel e Camila, eles me atenderam com voz sonolenta, mas feliz, eu perguntei já casaram, e ainda não tinham casado. De fato, Não era real o que eu vivi nada teve sentido, as promessas não foram reais. As pragas me enganaram, Verônica sempre esteve morta, na verdade conversamos por um tempo e tudo parecia real. Mas agora eu bem sei que eu seria mais um a cair nas promessas românticas que ela me fazia. Acho que sempre amarei a ela, mas não quero mais, não é desejo, nem é saudade, acho que eu estou a falar não é verdade. Nessa hora odiei ser investigador.

Vivi a minha própria cena, meus sonhos me traíram neste cemitério. Se fosse ao menos sobrenatural eu aceitava, mas era só um sonho.

CAPITULO 11 SAUDADES DO QUE NÃO ACONTECEU

Por fim meu amor não passou, não chegou, não voltou. A sensação era de vazio, mas nada disso era real, mas o vazio era. Meu fôlego ainda lembra o dela, na verdade tudo aquilo não era ela, era eu. A saudade que sinto ainda dela é incomum, mas a sensação é de estar com ela. Ela está morta, mas apareceu para mim, me beijou, me fez rir, me fez até defini-la perfeitamente. Eu posso até sentir o aroma dos seus cabelos, eu posso até ver a fumaça saindo de sua boca nessa manhã fria, mas não posso mais vê-la, de fato acordei. Devo seguir minha vida e deixar este cemitério. Realmente foi nele que aprendi a amar alguém e ouvir palavras nunca ouvidas, palavras românticas. Vou levar na minha vista o rosto dela, não o da cova, mas aquele que beijei na noite do casamento dos meus amigos, no memorial que preparamos aqui neste cemitério de pragas.

O local me enganou, agora posso jogar pragas aqui, não tenho mais o que tinha, este local me acordou, eu não queria, ela veio a mim e contou toda a sua vida e não era fruto da minha imaginação, posso ir a casa dela na cidade e saberia onde ficara, posso dizer os nomes e quem foram os mortos antes. Esta cova aqui me confirma, Adan, o primeiro namorado dela.

Aquelas duas rosas, os escritos tudo como eu bem sonhava. Isso não poderia ser irreal? Querido leitor antes que me esqueça, mas nem sei mesmo se poderia ser comum, lembro-me de ter pedido para falar com os mortos, será que eles me atenderam, digo, será que só Verônica me atendeu? Em fim, não acredito está apaixonado por um cadáver ou espírito, mas acredito que meu vazio não é por acaso. Ela foi o que eu amei.

Ela se foi junto ao meu acordar, eu não queria acordar, mas me deixou um recado muito convincente junto as suas pragas e promessa românticas. Temos todo o direito de amar, porém esse direito não nos permite prometer sem intenção de cumprir, ou se envolver sem desejo de estar. Agradeço a menina Verônica que dos mortos veio me falar e me ensinar a amar pelo único tempo que minha vida me dá. Espero um dia revê-la, ao menos em meus sonhos (...).